

- Martin, R. 1991, *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres.
- Murison, Ch. L. 1992, *Suetonius Galba, Otho, Vitellius*. Ed. with intr. and notes, London, Bristol Classical Press.
- Raoss, M. 1958, "La rivolta di Vindice ed il successo di Galba" : *Epigraphica* 20 46-120.
- Stadter, Ph. A. 2005, "Rivisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*" : Pérez Jiménez, A & Titchener, F. *Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*, Málaga-Logan, 419-435.
- Venini, P. 1974, "Sulle Vite suetoniane di Galba, Otone e Vitellio": *RIL* 108 991-1014.
- Venini, P. 1977, *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio*. Con comm., Torino, Paravia.
- Wellesley, K. 2000, *The year of the four emperors*, with a new introduction by B. Levick, London / New York, Routledge (3^a ed.).

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

O PRIMEIRO ENCONTRO DE JASÃO E MEDÉIA: UM EPISÓDIO ODISSEICO EM V.FL. 5. 329-401

O inarredável caráter tardio da produção épica de Valério Flaco, cuja única obra conhecida – *Os Cantos Argonáuticos* – foi composta provavelmente no último quartel do século I, aliado à prática emulatória típica do fazer poético da Antiguidade, fez conviverem em seu canto ecos provindos de toda a imensa tradição literária pré-existente ao período. Já aludido por Homero¹ e Hesíodo², o velho *epos* náutico de celebração da expansão das fronteiras do mundo conhecido foi, então, atualizado para a realidade imperial romana, de tal sorte que foi enaltecida não apenas a casa dinástica reinante – a dos imperadores Flávios –, mas também os modelos de virtude e de excelência preconizados na época. Para tanto, dois grandes modelos literários (principais, embora não exclusivos) foram utilizados como constantes referências pelo autor: *As Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, e a *Eneida*, de Virgílio. Do primeiro – o poeta helenístico do século III a.C. e bibliotecário de Alexandria –, tanto a temática mitológica quanto o gosto pelo preciosismo, pelo exotismo dos assuntos e pelas descrições de costumes, foram apreendidos por Flaco, em uma revalorização da erudição, comum ao período *neoclássico* da literatura latina³. Do segundo – o grande poeta de Augusto, considerado já em seu tempo o cânone máximo das letras latinas⁴ –, foram emuladas, ou copiadas, as virtudes de Enéias, o paradigmático herói romano imperial, bem como a própria construção do poema, cindido em duas grandes porções: a formação do herói, na primeira metade, e suas lutas e conquistas, na segunda.

No entanto, apesar de toda a preponderância da prática emulatória em sua produção literária, Valério Flaco nunca se mostrou servil perante seus modelos. Apesar de sua estreita vinculação com as duas obras épicas

¹ *Il.* 7.467-469; *Od.* 9.253-259, 12.55/82.

² *Hes. Th.* 956-962 e 992-1002.

³ Para a definição dos períodos literários latinos, utilizou-se a nomenclatura adotada in M. Citroni et alii (2006).

⁴ *Quint. Inst.* 10. 85.

porfiadas, incontáveis variantes foram por ele aduzidas à saga marinheira, de modo a construir um novo e peculiar modelo de heróismo. O herói de seu canto, por esse processo de recriação do mito a partir do uso de uma larga e consistente tradição literária, foi então melhorado e robustecido, em comparação a todos padrões heróicos anteriores. O Jasão latino angariou as virtudes de cada um de seus predecessores, de tal maneira que se tornou mais valente e mais pio que o Jasão helenístico de Apolônio de Rodes, mais temperante que o Enéas de Virgílio e mais prudente que todos. Tais foram as virtudes por ele adquiridas no exercício e na experimentação, durante sua viagem rumo à Cólquida em busca do Tosão de Ouro. Afinal, no plano da obra flaquiiana, era fundamental que o protagonista alcançasse as terras do oriente já plenamente formado, como um herói completo e arrematado, capaz de combater com denodo os inimigos, de cumprir com galhardia as tarefas que lhe fossem impostas, de captar os favores de Medéia e, finalmente, de dar início aos eventos previstos por Júpiter – cuja última consequência seria a transmissão do poder da Ásia para a Grécia e, depois, da Grécia para Roma.

De fato, o Jasão das *Argonautica* latinas percorreu, com seus companheiros, um largo trajeto iniciático, desde a Hemônia até os confins da Cólquida. Durante esse longo curso pelo mar, a bordo da primeira nau construída pelo gênero humano, alinhavaram-se os episódios em que o herói foi posto à prova, de tal maneira que a cada arribada do navio, um novo padrão de excelência assentava-se, como se uma nova virtude pudesse, então, lhe ser atribuída. O jovem audaz e intrépido do início da expedição tornou-se, assim, sedutor e diplomático junto às mulheres de Lemnos (V.Fl. 2.72-431), deixando-lhes descendência sem lhes despertar o funesto ódio pela partida – diferentemente do modelo de Enéias, que largara a fênícia Dido em mortal desespero, levando consigo o rancor de todo um povo que, ao final, seria a motivação mítica das Guerras Púnicas. Por outro lado, na narrativa das desastrosas lutas dos argonautas contra o desafortunado rei Cízico (V.Fl. 2.635-3.464), o Jasão latino pôde aperfeiçoar-se na guerra, tornando-se, mais uma vez diferentemente do Jasão apoloniano, um bravo combatente. Nesse mesmo episódio, a *pietas* do Jasão flaquiiano fez-se evidente na resignação perante os desígnios do fado – ao contrário do modelo alexandrino, em que um enorme desespero o consumiu por longos dias, em demonstração de uma certa debilidade. Do mesmo modo, no episódio em que Hércules (V.Fl. 3.481-4.81) foi abandonado pelos companheiros após a abdução de Hilas, Jasão afirmou sua autoridade como comandante da expedição, tornando-se, em comparação com o Jasão helenístico – que teve sua autoridade contestada

desde o início da jornada, quando Hércules foi, ao invés dele, escolhido para ser o capitão – mais firme e mais meritório detentor da *auctoritas*. Por seu turno, no combate singular entre Pólux e Âmico (V.Fl. 4.99-343) – o gigante rei da Bebrícia –, a valentia de Jasão também se patenteou, porquanto fora ele o primeiro a oferecer-se para o pugilato contra o enorme símbolo de um modelo heróico guerreiro já considerado como ultrapassado para o período. Finalmente, com Fineu (V.Fl. 4.422-636), o cego adivinho que penava sob as Harpias por ter revelado aos homens os planos secretos de Júpiter, Jasão aperfeiçoou-se na última das virtudes valorizadas em seu tempo: a *Prudência* – na única referência épica expressa e destacada a essa virtude no rol de excelências dos heróis da Antiguidade. Então, após o episódio da remissão das penas de Fineu, com a consequente perseguição e o rechaço das Harpias pelos Boréades, Jasão e os argonautas, com as virtudes já provadas e comprovadas, atravessaram o maior dos desafios da primeira parte do percurso (V.Fl. 4.635-751): a passagem pelos perigosos Rochedos Moventes. Estava, assim, aberto o caminho das navegações marítimas.

A próxima escala da embarcação, que já, portanto, cumprira sua jornada marítima inaugural, deu-se, na Cólquida, no ponto extremo daquela empresa. E, mais uma vez, Valério Flaco soube alterar o modelo da narrativa construído por Apolônio de Rodes para ressaltar as sobranceiras qualidades do herói representante de seu próprio tempo. Para tanto, uma outra inequívoca modificação foi efetuada na tessitura do mito.

No *epos* alexandrino de Apolônio de Rodes, em seu Canto III⁵, após vencerem os Rochedos Moventes, os argonautas desembarcaram na ilha de Ares, onde, por acaso, encontraram os filhos de Frixo, que ali haviam chegado, arrastados pelas ondas, depois de fugirem da Cólquida e serem surpreendidos por uma tormenta. Foi, pois, sob a condução desses parentes distantes – que regressaram com ele às terras do Oriente –, que Jasão alcançou a foz do rio Fase, nas tão almejadas praias da Cítia. E mais: foi também pela intercessão de Argo – um daqueles filhos de Frixo – que Jasão adentrou ao palácio de Eetes, e a este foi apresentado. É bem verdade que, nesse entretempo, Hera havia pedido a Afrodite que convencesse Eros a flechar Medeia, sendo que este aceitara o encargo em troca da promessa de receber por retribuição uma bola de ouro – um dos brinquedos que a ama de

⁵ Não foram feitas referências ao número dos versos de Apolônio de Rodes uma vez que a tradução portuguesa utilizada não guardou a correspondência dos mesmos. Para consulta, vide: A. Rhodio 1852: 123-170.

Zeus fizera para ele quando ainda menino. Hera, por seu turno, deitara sobre seu protegido uma densa neblina, para ocultá-lo dos inimigos. Essa caligem foi, no entanto, dissipada quando o grupo alcançou o pátio interno do palácio de Eetes, onde se achavam Medeia e sua irmã Calcíope.

Essa foi, portanto, no resumo da épica de Apolônio de Rodes, a descrição do primeiro encontro de Jasão e Medéia, ocorrido sob o pórtico do palácio do rei, quando, então, com uma gargalhada, Eros, que se assentava sobre o pé de Jasão, alvejou a princesa, parando-lhe o coração com a doce dor de sua flecha. Por sua vez, aos gritos de júbilo de Calcíope – irmã de Medéia e esposa de Friso – ao ver regressarem os filhos que julgava perdidos no mar, toda a corte acorreu ao encontro delas, deparando-se, então, com os jovens estrangeiros. Em conformidade com as regras de hospitalidade, um banquete foi servido em honra deles, após o qual, enfim, Jasão foi apresentado ao rei e pediu-lhe o velocino de ouro.

Por seu turno, no canto de Valério Flaco, outra foi a versão da chegada dos marinheiros às terras de Eetes. De fato, como já dito, a preocupação com a edificação de um modelo heróico mais glorioso, mais valente e mais eficaz em suas missões foi a tônica do *epos* tardio latino. Tanto que o modelo da recepção de seu herói nas terras da Cólquida foi inspirado não mais em Apolônio de Rodes ou em Virgílio, mas no próprio canto de Homero, a partir da narrativa da chegada de Ulisses à terra dos Feaces, em uma aparente opção pela exaltação de seu protagonista a partir de sua equiparação com o vetusto e sempre admirado padrão odisseico. É bem verdade que normalmente a recorrência direta a Homero não se mostra explícita na maior parte do poema argonáutico latino, mas ecos indiretos de suas obras já foram, há muito, garimpados no texto flaquiiano⁶. Contudo, para maior enaltecimento do heroísmo de seu próprio modelo de excelência, o episódio da chegada de Jasão à Cítia apresenta-se como herdeiro claro e evidente da *Odisseia*.

Eis o breve resumo dos eventos homéricos iniciados a partir do Canto V da *Odisseia*, cuja finalidade será a de determinar pontualmente as convergências do texto flaquiiano. Após deixar a ilha da Ogiúgia, onde vivera por sete anos com a imortal Calipso, Ulisses enfrentou, com sua jangada, o mar até conseguir, após um naufrágio e com a ajuda da ninfa Leucótea, alcançar o reino dos Feaces. Lá, exausto, descansou na praia, sob a proteção de Atena (*Od.* 5. 491). Durante o repouso do herói, a deusa dirigiu-se à cidade a fim de preparar-lhe o regresso para Ítaca (*Od.* 6. 1-3). Como um

⁶ W. Garson 1969: 362-366.

vento, adentrou ao quarto da princesa Nausícaa, a filha do rei Alcínoo, e inspirou-lhe sonhos prenunciadores do casamento (*Od.* 6. 20-24). Sob a forma de uma amiga, Atena ordenou à jovem que lavasse as roupas do pai e dos irmãos, já que a data de seu matrimônio aproximava-se e os trajes de seus parentes encontravam-se sujos (*Od.* 6. 25-40). Por isso, tão logo amanheceu, Nausícaa pediu ao pai um carro que a levasse ao rio; e ele, embora percebendo tacitamente as reais intenções matrimoniais da filha, concedeu-lhe o meio de transporte (*Od.* 6. 41-84). Nausícaa e seu séquito de servas chegaram, assim, ao ribeirão, onde lavaram as roupas, banharam-se e tomaram sua refeição (*Od.* 6. 85-98). Depois, cantavam e brincavam com uma bola, quando Nausícaa mostrou-se tão bela quanto a deusa Ártemis (*Od.* 6. 99-109). Finalmente, quando as moças estavam prestes a retornar para casa, a princesa lançou a bola a um redemoinho, e as donzelas gritaram, despertando Ulisses (*Od.* 6. 110-126). Este, nu como estava, saiu dos arvoredos como um leão da montanha (*Od.* 6. 127-136). No entanto, apesar do aspecto horrível do naufrago, Atena intercedeu e afastou de Nausícaa o medo; e ela não fugiu ao forasteiro (*Od.* 6. 137-148). Ele, então, proferiu um discurso sedutor (*Od.* 6. 149-185). Primeiro, comparou-a, como já fizera o poeta narrador, à deusa Ártemis (*Od.* 6. 149-152). No entanto, afirmou que se ela não fosse a deusa, felizes seriam seus pais, seus irmãos e, finalmente, aquele que a conduziria um dia ao leito conjugal (*Od.* 6. 153-159). Pediu-lhe, em sequência, auxílio: que lhe mostrasse o caminho para a cidade e desse-lhe roupas (*Od.* 6. 160-185). Ela, então, se apresentou; disse de quem era filha, onde eles estavam (*Od.* 6. 186-197), e ainda ordenou às servas que o alimentassem e banhassem (*Od.* 6. 198-217). Ulisses, por pudor, recusou o auxílio das donzelas e, sozinho, limpou-se do sal do mar e ungiu-se com o óleo (*Od.* 6. 218-228). Atena, por sua vez, deitou sobre ele fulgurante beleza, fazendo crescer-lhe os cabelos e resplandecer a formosura (*Od.* 6. 229-235). Após a refeição, Nausícaa ensinou-lhe como se aproximar do palácio em segurança e como se dirigir ao pai, por intermédio da mãe, para lhe suplicar por seu regresso (*Od.*, 6. 251-315). Ela, contudo, para evitar a hostilidade e a maledicência daqueles que pudessem vê-los juntos, conduziu-o apenas à entrada da cidade (*Od.* 6. 316-330), onde, para protegê-lo, Atena fez aparecer sobre ele um denso nevoeiro (*Od.* 7. 14-16).

Tais foram, em suma, as diretivas do canto odisseico, em cujos versos o poeta homérico criou a imagem de uma princesa adolescente, devotada ao pai e ansiosa pelo casamento, e que favoreceria, em seu papel na intriga épica, a boa recepção de Ulisses pelos Feaces e seu tão almejado retorno a Ítaca.

Afinal, como a própria Nausícaa advertiu ao naufrago, a terra aonde ele chegara era habitada por uma gente inamistosa que vivia sem contato com outros povos (*Od.* 7. 30-33). Além disso, como descendentes de Possêidon e ligados aos Gigantes (*Od.* 7. 48-77), os habitantes da Esquéria seriam presumivelmente inimigos óbvios de Ulisses, já que toda a errância do herói fora causada pela ira vingativa do “Deus sacudidor da Terra”. Assim, o papel de Nausícaa na urdidura do *epos* desvenda-se a partir da necessidade de Ulisses de angariar os favores de um povo naturalmente a ele hostil, e muitas vezes descuidado das próprias regras de hospitalidade, como bem representa a falta de iniciativa do rei Alcínoo em conceder presto abrigo ao suplicante, e a consequente reprimenda a ele dirigida pelo feácio Equeneu (*Od.* 7. 159-166)⁷. Ademais, a transição entre o mundo fantástico das viagens maravilhosas (dos mortos, ou da guerra) e o mundo real da vida em Ítaca (ou dos vivos, ou da paz)⁸ era o objetivo fulcral do herói, tornando-se, pois, imperiosa a sua necessidade de angariar favores dos estrangeiros, necessidade esta que se anuncia exatamente em sua forma sedutora de abordagem à virgem. Finalmente, o caráter auxiliador de Nausícaa foi reconhecido pelo próprio Ulisses (*Od.* 8. 468), que afirmou, em sua despedida, dever-lhe a vida⁹.

Por sua vez, o *epos* flaquiiano seguiu por sendas parecidas com essas de seu antecessor homérico. De modo bastante diferente dos hegemônicos modelos de Apolônio de Rodes ou de Virgílio, os argonautas do canto latino, após todas as peripécias e aventuras no mar, chegaram às praias da Cólquida levados, no último percurso da viagem, já pela própria nau Argo que assumira o rumo e, independente da atuação do piloto, ganhara as areias da praia. Era ainda noite quando chegaram e, por isso, os marinheiros esperaram pela vinda da manhã. Assim, logo na alvorada, Jasão sorteou nove companheiros, e com eles seguiu em busca do rei daquela terra. Enquanto isso, no palácio do rei Eetes, a jovem princesa Medéia, que suportara na calada da noite o tormento de pesadelos premonitórios enviados pelos deuses acerca de todos os eventos trágicos que sucederiam a ela, ao rei e a seu povo, dirigia-se ao rio, para

⁷ Nesse sentido, a função dos *Apologoi* seria também a de ensinar a Alcínoo as regras de hospitalidade, como propõe G. Most 1989: 15-30.

⁸ C. Segal 1994: 14.

⁹ O caráter auxiliador de Nausícaa é consensual entre os estudiosos. Vide: C. Segal 14994: 22-23; D. Belmont 1967: 4; T. Nortwick 1979: 279.; E. Delebecque 1980:120.

expurgar aqueles vaticínios em ritos propiciatórios à Noite (V.Fl. 5. 329-340). Ia com um grupo de donzelas cítias, levando tochas e as ínfulas sagradas, tão bela que o próprio poeta a comparou – expressamente suplantando mesmo a deusa Diana/Ártemis – à deusa Proserpina, antes de esta contemplar a escuridão do Averno (V.Fl. 5. 341-349). No caminho, contudo, elas cruzaram com os heróis que, tendo desembarcado às ocultas, vinham pela estrada em direção contrária. A primeira reação de Medéia foi a de medo (V.Fl. 5. 350-355), mas sua ama, que a acompanhava, reconheceu as roupas dos jovens, semelhantes àquelas que ela vira um dia o grego Frixo usar, e acalmou a princesa (V.Fl. 5. 356-362). Juno, protetora máxima de Jasão, deitou sobre ele, então, a rósea luz da juventude, para que ele despertasse o amor da princesa (V.Fl. 5. 363-372). Jasão e Medéia contemplaram-se por um momento, e um só pelo outro se apegou (V.Fl. 5. 373-377). Ele, então, a ela se dirigiu. Invocou-a, primeiro, como se ela fosse a própria Diana “despida do carcás”, mas juntou dizendo que se ela não fosse uma deusa, felizes seriam seus pais e aquele que um dia a levasse para o leito (V.Fl. 5. 374-384). Pediu-lhe, depois, que os conduzisse perante o rei e que lhes ensinasse os costumes do lugar (V.Fl. 5. 385-390). Ela replicou dizendo que o rei da terra era seu pai; mostrou-lhe ainda o caminho que os heróis deveriam seguir para chegar ao palácio, enviando uma serva para acompanhá-los. Juno deitou uma densa neblina para proteger os jovens gregos, enquanto Medéia tomou outra direção, para cumprir os rituais sagrados, mas em vão, já que eventos anunciados se cumpriram no restante da narrativa mítica (V.Fl. 5.391-401).

Assim, portanto, no canto flaquiiano, conheceram-se Jasão e Medéia. Comparada a Nausícaa – cuja função no poema homérico foi, como já demonstrada, a de proporcionar a Ulisses a obtenção da hospitalidade e dos favores do rei dos Feaces, e o seu consequente retorno à terra natal –, foi Medéia, por seu turno, quem indicou a Jasão o caminho a seguir até o palácio e o modo de se dirigir, com segurança, ao rei Eetes a fim de angariar-lhe os favores. Afinal, se a chegada à Esquéria representa para Ulisses o término de suas viagens e o ponto do início de seu retorno a Ítaca, do mesmo modo, a Cólquida representa, no *epos* argonáutico, o limite extremo da jornada marinheira, a partir do qual começaria o regresso da expedição à Hélade. Assim, se a Esquéria anuncia o ponto de contato entre o mundo mágico das aventuras maravilhosas dos *apologoi* e o mundo da existência real de Ítaca, do mesmo modo se configura a Cólquida, onde também inamistosos eram os

habitantes e necessária a capacidade do capitão da expedição de obter favores.

Na seqüência das aproximações entre os textos, as comparações existentes entre a princesa colca e a deusa Diana reforçam a vinculação flaquiana do episódio ao modelo homérico, uma vez que a mesma equiparação fora estabelecida para com Nausícaa. Isso porque ambas princesas seriam virgens, como as deusas comparadas – tanto Diana, em sua constante vida silvestre, quanto Proserpina, cuja virgindade se perdera somente após seu rapto por Hades e seu transporte para o Averno, conforme a adaptação latina do mito. Além disso, a existência do sonho divino como motivador da ida das donzelas cítias ao rio remete outra vez ao paradigma homérico, já que Nausícaa também fora levada ao rio por inspiração onírica, posto que de Atena. É bem verdade que o *ethos* dos sonhos revela-se oposto, uma vez que para Medeia se anunciaram, em uma *prolepsis* textual, suas desgraças futuras, enquanto a Nausícaa prometeu-se um feliz matrimônio; mas toda a atmosfera do episódio mantém essa mesma oposição, uma vez que o caráter luminoso da manhã de Ulisses contrapõe-se ao ambiente lúgubre do cortejo pré-crepuscular de Medeia, levada para a ribeira entre as tochas de suas servas, para cumprir os rituais devotados à terrível deusa Hécate e à soturna Noite. Por sua vez, quando do encontro dos gregos com as mulheres bárbaras, foi necessário que a intervenção da ama de Medeia afastasse dela o medo diante dos estrangeiros, à semelhança da coragem que Atena instilou na princesa odisséica ante o naufrago, que aparecia diante delas como um leão faminto. Por outro lado, se, após o banho, Atena derramou sobre Ulisses a luz do vigor e da juventude, também Juno, a protetora de Jasão, deitou-lhe, sob forma de luz, o resplendor da beleza, para que mais facilmente se mostrasse agradável diante dos olhos da jovem que o recebia. De igual maneira, quando Jasão se dirigiu ao palácio de Eetes, Juno espalhou à sua volta uma densa neblina, para ocultá-lo dos inimigos que o pudessem encontrar pelo caminho¹⁰, como fizera Atena com seu protegido Ulisses, envolvendo-o, pelo mesmo motivo, em névoas, no início do Canto VII. Assim, tendo o sonho divino como motivador das ações das duas virgens, e considerando a seqüência dessas comparações óbvias existentes entre elas, a função de Medeia no canto de Valério Flaco também se mostra comparável à da

¹⁰ O artifício da ocultação do herói sob a neblina é um *topos* da épica antiga, utilizado também por Virgílio, que assim fizera Vênus proteger Enéas quando de sua chegada a Cartago. Vide *Vir. Aen.* 1.432-434.

adorável princesa feace na trama homérica, tornando-se ela, portanto, a grande auxiliadora dos argonautas, cuja imagem foi então enaltecida e abrandada pela comparação com a adorável Nausícaa. Afinal, se o grande volume das tragédias antigas que abordaram o tema de suas desditas a representava majoritariamente em sua maturidade rancorosa e vingativa, era necessário que a jovem favorecedora dos argonautas fosse redimida desse terrível estigma trágico de assassina impiedosa – redenção esta efetuada por meio de sua equiparação com a mais encantadora das heroínas épicas, como o caso da filha de Alcínoo. Segundo essa concepção, a forma protocolar com que Jasão a ela se dirigiu e elogiou, chamando-a de deusa e dizendo felizardos os pais da moça, repetiram, quase em um processo singelo de tradução, o discurso de Ulisses perante Nausícaa, na mais evidente dessas aproximações textuais. Assim, o presumível enamoramento de Nausícaa e todas as indicações de seu desejo por Ulisses anunciariam, por meio das perceptíveis comparações que se estabelecem, o próprio enamoramento de Medeia por Jasão, sem o qual não se realizariam as provas que ele teria de cumprir (jungir os touros bronzípedes, arar o Campo de Marte, matar os Terrígenos e vencer a Serpente guardiã do Velo), nem a expedição dos príncipes gregos regressaria à Hélade – ou, em contexto latino, não teria início a seqüência de raptos¹¹ que culminaria com a expansão do poder imperial romano por todo o orbe da terra¹².

Desse modo, por meio das alterações na tradição literária do canto argonáutico, Valério Flaco, mais uma vez, enalteceu seu herói. Jasão chegou às praias da Cólquida como o grande Ulisses homérico, valorizando-se, por consequência, perante o modelo alexandrino (lembre-se a importância de Ulisses na literatura latina, porquanto seu primeiro registro literário já contemplava exatamente a tradução da *Odisseia* por Lívio Andronico, inaugural da literatura desenvolvida em Roma). Ao descrevê-lo sendo recebido por uma jovem princesa, sendo gentil e sedutor com as palavras,

¹¹ Segundo a concepção flaquiana, o rapto de Medeia pelos Gregos seria vingado pelo rapto de Helena pelos Troianos, motivador da Guerra de Tróia, cuja consequência última seria a fuga de Enéias para o Lácio, com a fundação de Roma.

¹² Note-se que, desta vez em comparação com o canto de Apolônio de Rodes, não foi necessária a intercessão de Eros/Cupido para que Medeia se apaixonasse por Jasão, o que reforça as qualidades dele, que não precisaria, então, de auxílio divino para conseguir ultimar a sedução. Desse modo, mais uma vez, o herói de Flaco suplantaria seus antecessores.

sendo iluminado pela beleza divina e sendo protegido pelas névoas olímpicas, o poeta evidenciou mais uma vez a excelência de seu protagonista em relação a seus antecessores épicos, mostrando-o novamente como o maior e o mais completo dos heróis.

Bibliografia

- A. Rhodio (1852), *Os Argonautas*. Imprensa Nacional. Lisboa.
- C. Segal (1994), *Singers, Heroes and Gods in the "Odyssey"*. Cornell University Press. Londres.
- D. Belmont (1967), "Telemachus and Nausicaa: a study of youth". *CJ* 63: 1-9.
- E. Delebecque (1980), *Construction de L'Odyssée*. Les Belles Lettres. Paris.
- F. Lourenço (2005, 6ªed.), *Homero – Odisséia*. Livros Cotovia. Lisboa.
- G. Most (1989), "The Structure and Fiction of Odysseus' Apologoi", *TPhS* 119: 15-30.
- M. Citroni, F. Consolino, M. Labate, E. Narducci (2006). *Literatura de Roma Antiga*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- T. Nortwick (1979), "Penelope and Nausicaa" *TPhS* 109: 269-276.
- W. Ehlers (1980), *Gai Valeri Flacci Argonauticon Libros Octo*. Teubner. Stuttgart.
- W. Garson (1969), "Homeric Echoes in Valerius Flaccus' *Argonautica*". *CQ* 19: 362-366.

MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO IX. O MITO DE PASÍFAE

Para onde vais alma? Porquê este louco amor pelas clareiras?
Reconheço a culpa fatal de minha desgraçada mãe.
Sêneca, *Fedra*

No passado dia 5 de Maio, o grupo Thíasos estreou a sua última produção – *Hipólito* de Eurípides – no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra, baseada na tradução de Frederico Lourenço. Quem lá esteve pôde, apesar do frio que se fez sentir, desfrutar de uma noite mágica de teatro. Para a construção do intenso *pathos* muito contribuíram a coerência do elenco, numa encenação criativa, uma sonoplastia e luminotecnia originais e elegantes figurinos. O pátio exterior do museu foi palco de uma representação viva e bem conseguida do mito de Fedra e da paixão adúltera e (quase) incestuosa pelo enteado Hipólito¹. Uma mulher vítima, na perspectiva euripidiana, da vingança da deusa Afrodite, mas que carrega consigo o peso de uma hereditariedade terrível herdada de sua mãe, Pasífae. Segundo a lenda, esta nutrirá um amor avassalador por um touro e dessa união terá nascido o Minotauro, criatura híbrida, com corpo de homem e cabeça de touro. Corre no sangue destas mulheres de Creta a atracção pelo amor impossível e *contra naturam*.

Higino, mitógrafo latino, compilador de *fabulae* mitológicas, dedica a fábula XL, que aqui apresentamos juntamente com a sua tradução e exploração didáctica, ao mito de Pasífae, mãe de Fedra, e à paixão monstruosa desta pelo Minotauro cretense.

PASIPHAE

1. Pasiphae Solis filia uxor Minois sacra deae Veneris per aliquot annos non fecerat. ob id Venus amorem infandum illi obiecit, ut taurum quem ipsa

¹ Ao mito de Hipólito dedicou Higino a fábula XLVII, cujo texto original, tradução e exploração didáctica apresentámos em "Higino, um mitógrafo latino em tradução III. O mito de Hipólito" *BEC* 47 (Junho 2007) 57-60.